

ALGUMAS FONTES PARA O ESTUDO DE MUDANÇAS DE
PERCEPÇÃO SOBRE OS GABINETES DE CURIOSIDADES E AS
PRÁTICAS COLECIONISTAS DA ERA MODERNA À
CONTEMPORÂNEA

Carolina Vaz de Carvalho*

* **Rariorum** – Núcleo de Pesquisa em História das Coleções e dos Museus / UFMG
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia/FAJE

Resumo: O presente trabalho apresenta alguns apontamentos sobre fontes de diferentes períodos históricos de interesse para o estudo das práticas de colecionamento da Primeira Idade Moderna, em especial coleções enciclopédicas convencionalmente denominadas “gabinetes de curiosidades”. A compreensão contemporânea dessas coleções ecoa a forma como foram descritas e categorizadas ao longo da história, e as referências selecionadas ilustram algumas das mudanças de percepção e apreciação das coleções da Primeira Idade Moderna em momentos diversos. As fontes aqui reunidas foram: Samuel Quiccheberg, *Inscriptiones vel Tituli Theatri Amplissimi*, 1565; Robert Hooke, “Lectures and Discourses of Earthquakes and Subterraneous Eruptions”, 1705; M. d’Aubenton e Denis Diderot, “Cabinet d’Histoire naturelle”, *Encyclopedie*, 1751; Felice Fontana, *Saggio del real gabinetto di fisica e di storia naturale di Firenze*, 1775; Thomas Greenwood, *Museums and Art Galleries*, 1888; David Murray, *Museums: Their History and their Use*, 1904.

Palavras-chave: História das Coleções; Gabinete de Curiosidades; Primeira Idade Moderna; Práticas de colecionamento; Coleccionismo.

Abstract: This paper presents some observations regarding primary sources from different historical periods which are relevant to the study of Early Modern collecting practices, especially to the study of the encyclopaedic collections conventionally known as ‘curiosity cabinets’. The contemporary comprehension of these collections echoes the way they were described and categorised throughout history, and the selected references illustrate some shifts in the perception and appreciation of Early Modern collections in distinct moments. The sources here gathered were: Samuel Quiccheberg, *Inscriptiones vel Tituli Theatri Amplissimi*, 1565; Robert Hooke, “Lectures and Discourses of Earthquakes and Subterraneous Eruptions”, 1705; M. d’Aubenton e Denis Diderot, “Cabinet d’Histoire naturelle”, *Encyclopedie*, 1751; Felice Fontana, *Saggio del real gabinetto di fisica e di storia naturale di Firenze*, 1775; Thomas Greenwood, *Museums and Art Galleries*, 1888; David Murray, *Museums: Their History and their Use*, 1904.

Key-words: History of Collections; Curiosity Cabinet; Early Modern Period; Collecting Practices; Collectionism.

O presente trabalho reúne alguns apontamentos de uma pesquisa em andamento sobre o colecionismo na Primeira Idade Moderna (aproximadamente, sécs. XV-XVIII). Nas discussões dos campos da Museologia, História Cultural e História da Arte, as coleções desse período são frequentemente apresentadas como origem dos museus e das práticas colecionistas contemporâneas. Essas coleções integram o escopo de estudos do projeto de pesquisa “Raridades em Contexto: incorporação e ressignificação de objetos e imagens das Índias Ocidentais nas coleções norte-europeias (séc. XVII)”, do qual participo desde 2013⁶⁰. Partindo dos estudos de casos específicos desenvolvidos por nós pesquisadores do projeto, e sistematizando ideias e percepções que emergiram ao longo desses anos, desde o começo de 2016 tenho me dedicado à reflexão sobre questões mais gerais pertinentes à forma como coleções, colecionadores e práticas colecionistas da Primeira Idade Moderna têm sido compreendidas e abordadas nos campos supramencionados, sobretudo no que tange à noção de “gabinetes de curiosidades”.

Por gabinetes de curiosidades – alternativamente chamados na literatura de “câmara das maravilhas” ou variações dessas duas expressões em diversos idiomas – convencionou-se denominar coleções majoritariamente privadas, de caráter enciclopédico, baseadas na compreensão então vigente de que as relações entre os objetos colecionados correspondiam às relações entre os fenômenos naturais e artificiais do cosmo, que vigoraram sobretudo na Europa dos séculos XVI e XVII – um fenômeno histórico específico dentro da história das coleções⁶¹. Entretanto, conforme apresentei alhures⁶², a expressão comumente figura, tanto em discursos acadêmicos como naqueles voltados ao público amplo, como síntese de todas as práticas colecionistas do início do Período Moderno e como antecessores diretos dos museus

⁶⁰ O projeto “Raridades em Contexto” é coordenado pelo Professor Dr. René Lommez Gomes da Escola de Ciência da Informação da UFMG, está integrado às atividades do RARIORUM - Núcleo de Pesquisa em História das Coleções e dos Museus, e tem por objetivo investigar processos de recontextualização e mudança de significado de objetos advindos das Américas e da África nas coleções da Europa setentrional, no quadro das práticas de colecionamento da Primeira Idade Moderna.

⁶¹ A variedade de denominações que se referem a essas coleções, tanto na Primeira Idade Moderna como posteriormente, é frequentemente notada pelos estudiosos. Alguns estudos contemporâneos optam por empregar o termo ‘museu’ em referência às coleções modernas, o que parece enfatizar as continuidades e minimizar as diferenças entre as práticas colecionistas modernas e a instituição que se consolidou posteriormente. Para posicionamentos distintos sobre o tema, cf. BOWRY, 2015; FINDLEN, 1989.

⁶² CARVALHO, 2017.

de arte e ciência da contemporaneidade. Naquela ocasião, argumentei que a noção sintética atual de gabinetes de curiosidades ecoa a forma como essas coleções e práticas foram descritas e categorizadas ao longo do tempo, com a permanência de interpretações que se originaram junto ao colecionismo ilustrado, o que tanto esconde a variedade de manifestações do colecionismo da Primeira Idade Moderna como dificulta a compreensão dos valores, usos e significados que esses objetos, seu colecionamento e sua exibição tomavam à época.

Uma vez que anteriormente me detive em especial na discussão da produção acadêmica contemporânea sobre o assunto, gostaria, agora, de trazer algumas fontes de períodos históricos anteriores. Essas foram escolhidas dentre as referências arroladas em tais estudos contemporâneos e acredito que possam ilustrar mudanças de percepção e apreciação das coleções da Primeira Idade Moderna ao longo do tempo. Devido à natureza do presente trabalho, não será possível desenvolver análises pormenorizadas e exaustivas das mesmas; trarei, portanto, observações pontuais sobre trechos que iluminam a questão em foco. As fontes aqui reunidas foram: Samuel Quiccheberg, *Inscriptiones vel Tituli Theatri Amplissimi*, 1565 (trad. parcial de Antonio Leonardis, publicado em BOWRY, 2015); Robert Hooke, “Lectures and Discourses of Earthquakes and Subterraneous Eruptions”, 1705; M. d’Aubenton e Denis Diderot, “Cabinet d’Histoire naturelle”, *Encyclopedie*, 1751; Felice Fontana, *Saggio del real gabinetto di física e di storia naturale di Firenze*, 1775; Thomas Greenwood, *Museums and Art Galleries*, 1888; David Murray, *Museums: Their History and their Use*, 1904.

Quiccheberg: um guia flexível para colecionadores de todos os tipos

Samuel Quiccheberg (1529-1567) foi um fisiologista, bibliotecário e guardião de coleções flamenco, notório pela autoria de *Inscriptiones vel Tituli Theatri Amplissimi*. Publicada em latim, em Munique, 1565, a obra é o mais antigo tratado da Primeira Idade Moderna que se tem notícia dedicado à formação, organização e exibição de coleções, o que é frequentemente apontado na literatura⁶³. Embora seja difícil afirmar a extensão da

⁶³ As observações ora apresentadas partem da tradução para o inglês de trechos da obra de Quiccheberg realizada por Antonio Leonardis e publicada como parte integrante da tese de Stephanie J. Bowry (BOWRY, 2015). Todas as citações de Quiccheberg que seguem se referem a essa tradução.

influência do pequeno tratado de Quiccheberg nas práticas colecionistas do período, a obra interessa ao estudo do tema como expressão sistematizada de ideias e valores então amplamente disseminados (BOWRY, 2015; SCHULZ, 1990).

Algo sobre a função ou objetivo das práticas modernas de colecionismo é expresso por Quiccheberg no próprio título de sua obra, em sua versão completa:

Important Inscriptions or titles of the Theatre
Embracing all universal things and individual subjects and extraordinary images. So that one can also likewise be named correctly: of skilfully-made cupboards and miraculous objects, and of everything, rare treasures and valuable furniture and decorated structures.
And for these things together which are here consulted to be collected in the theatre, so that, by frequent inspection and management of these things, and individually, some knowledge and remarkable wisdom, can be established quickly and easily and safely (QUICCHEBERG, *apud* BOWRY, 2015, p. 92-93, ênfases minhas)

O último trecho do título, particularmente, demarca a relação entre o colecionamento de objetos e a possibilidade de obtenção de conhecimento e sabedoria através de sua observação e manipulação. A percepção do autor sobre a dimensão sensorial da construção de conhecimento e a importância de uma experiência memorável, que não se restringe ao olhar, seria algo digno de nota e perpassaria diversas das recomendações veiculadas ao longo da obra (BOWRY, 2015, p. 96)⁶⁴.

O ordenamento ou organização dos objetos parece ser, para Quiccheberg, um fator determinante do sucesso da coleção em se tornar ‘instrutiva’: “Therefore now the opus would be divine and ingenious, which arranges and sets in order all these things in this and every way, so that having pursued this activity concisely and comprehensively [...] they can instruct in innumerable ways” (QUICCHEBERG *apud* BOWRY, 2015, p. 122). De fato, as inscrições e títulos em torno dos quais a obra se constrói seriam categorias e classes de objetos que, na visão de Quiccheberg, constituiriam uma coleção ideal.

⁶⁴ Sobre a experiência sensorial de visita a coleções e museus no período moderno, cf. CLASSEN, 2007.

A ordem e o ideal, todavia, estão imbuídos de flexibilidade, característica atribuída por diversos estudiosos ao pensamento da época⁶⁵. Em um trecho, Quiccheberg observa que seu sistema de classes e categorias deveria funcionar como orientação para que cada colecionador escolhesse o que colecionar, conforme interesses e possibilidades:

Therefore these theatres collect either cabinets or enclosed spaces of a variety of objects, according to their own abilities alone as it will please them. Nor in fact are the divisions put forth, just as if everyone ought to collect all things, but so that each one can inquire after certain things, which he may want, or about individual items, which are more important. (QUICCHEBERG *apud* BOWRY, 2015, p. 348)

Além disso, as próprias categorias do sistema de classificação do autor expressariam uma natureza discursiva, como ressalta Bowry, em que “as muitas nuances de um único objeto são reconhecidas, mas em que certas qualidades ganham precedência em relação a outras” (BOWRY, 2015, p. 107)⁶⁶.

O colecionismo ilustrado

Mudanças nos paradigmas e práticas de construção e validação do conhecimento, com a consolidação progressiva das ciências modernas propriamente ditas, acompanharam alterações sociais consideráveis. Configurou-se um contexto em que emergiram outros parâmetros de formação e usufruto de coleções, bem como a atribuição de outras funções às mesmas. A especialização, tanto das coleções como de eruditos e estudiosos, marcou as críticas voltadas às coleções que não seguiam os novos padrões de pensamento e atividade.

Um desses críticos foi Robert Hooke (1635-1703), membro da Royal Society of London for the Improvement of Natural Knowledge. Ele defendia a formação de uma coleção institucional de espécimes naturais, sob os paradigmas de investigação científica

⁶⁵ Cf. KURY & CAMENIETSKI, 1997; HOOPER-GREENHILL, 1995; SHELTON, 1994.

⁶⁶ Tradução livre do original: “Quiccheberg’s system of titles and inscriptions therefore promotes a complex understanding of materials and material culture, in which the many nuances of a single object are acknowledged, but in which certain qualities take precedence over others”.

emergentes – o não tão bem-sucedido Repositório da Royal Society⁶⁷. Em um “Discurso sobre Terremotos” publicado postumamente, no qual critica a descrição de conchas, animais marinhos e fósseis que aparecem nos livros de estudiosos anteriores como Conrad Gesner (1516-1565) e Ulisse Aldrovandi (1522-1605), Hooke argumenta pela necessidade do contato direto com os espécimes de estudo; condena, entretanto, como infantil o uso de coleções para o prazer, divertimento ou admiração:

[...] for the Observations for the most part are so superficial, and the Descriptions so ambiguous, that they create a very imperfect Idea of the true Nature and Characteristick of the thing described, and such as will be but of very little use without an ocular Inspection and a manual handling, and other sensible examinations of the very things themselves; for there are so many considerable Instances that may by that means be taken notice of, which may be useful to this or that purpose for which they may be instructive, that ‘tis almost impossible for any one Examiner or Describer to take notice of them, or so much as to have any imagination of them. It were therefore much to be wishht for and indeavoured that there might be made and kept in some Repository as full and compleat a Collection of all varieties of Natural Bodies as could be obtain’d, where a Inquirer might be able to have recourse, where he might peruse, and turn over, and spell, and read the Book of Nature, and observe the *Orthography*, *Etymologia*, *Syntaxis* and *Prosodia* of Natures Grammar, and by which, as with a *Dictionary*, he might readily turn to and find the true Figure, Composition, Derivation and Use of the Characters, Words, Phrases and Sentences of Nature written with indelible, and most exact, and most expressive Letters, wihtout which Book it will be very difficult to be thoroughly a *Literatus* in the Language and Sense of Nature. **The use of such a Collection is not for Divertisement, and Wonder, and Gazing, as ‘tis for the most part thought and esteemed, and like Pictures for Children to admire and be pleased with, but for the most serious and diligent study of the most able Proficient in Natural Philosophy.** (HOOKE, 1705, p. 338, ênfases minhas)

As críticas às práticas colecionistas da Primeira Idade Moderna se acirraram ao longo do século XVIII. Como observa Adalgisa Lugli, o declínio das coleções enciclopédicas ocorre simultaneamente ao desenvolvimento da *Encyclopédie* francesa (LUGLI, 1998, p. 229), uma vez que o projeto iluminista traçava fronteiras muito precisas nos sistemas de

⁶⁷ Para uma apresentação do projeto do Repositório da Royal Society e discussão de seu insucesso cf. HOOPER-GREENHILL, 1995, p. 133-166.

pensamento e parecia ignorar intencionalmente os critérios de ordenamento subjacentes às coleções anteriores, destarte julgadas irracionais ou incompreensíveis (*ibid*, p. 232).

A *Encyclopedie*, publicada entre 1751 e 1772, trazia em seu segundo tomo um verbete sobre gabinetes de história natural, de autoria de Denis Diderot com contribuição de M. d'Aubenton, guardião e 'demonstrador' do Cabinet du Roi. O Cabinet du Roi, no jardim real em Paris, era apresentado como um modelo de coleção de história natural a ser seguido por sua organização e modos de exibição, e sobre ele é dito:

Toutes ces collections sont rangées par ordre méthodique, & distribuées de la façon la plus favorable à l'étude de l'Histoire naturelle. Chaque individu porte sa dénomination, & le tout est placé sous des glaces avec des étiquettes, ou disposé de la maniere la plus convenable. [...]Les choses les plus belles & les plus rares y ont afflué de tous les coins du monde; & elles y ont heureusement rencontré des mains capables de les réunir avec tant de convenance, & de les mettre ensemble avec tant d'ordre, qu'on n'auroit aucune peine à y rendre à la nature un compte clair & fidele de ses richesses. (D'AUBENTON; DIDEROT, 2016, p. 2:490)

A ordem – uma ordem metódica, que não se confunde com a forma como as coisas aparecem na natureza – é premissa para que uma reunião de objetos constitua uma coleção capaz de servir ao estudo e instrução e de justificar as dificuldades e despesas de sua formação:

“Pour former un *cabinet d'Histoire naturelle*, il ne suffit pas de rassembler sans choix, & d'entasser sans ordre & sans goût, tous les objets d'Histoire naturelle que l'on rencontre; il faut savoir distinguer ce qui mérite d'être gardé de ce qu'il faut rejeter, & donner à chaque chose un arrangement convenable. L'ordre d'un *cabinet* ne peut être celui de la nature; la nature affecte par - tout un desordre sublime. [...]Mais un *cabinet d'Histoire naturelle* est fait pour instruire; c'est - là que nous devons trouver en detail & par ordre, ce que l'univers nous présente en bloc.[...] Cependant qu'est - ce qu'une collection d'êtres naturels sans le mérite de l'ordre? A quoi bon avoir rassemblé dans des édifices, à grande peine & à grands frais, une multitude de productions, pour me les offrir confondues pêle - mêle & sans aucun égard, soit à la nature des choses, soit aux principes de l'histoire naturelle? (D'AUBENTON; DIDEROT, 2016, p. 2:490)

A exaltação da ordem também marca a defesa de novos paradigmas de colecionamento na Itália, por volta do mesmo período. Em uma apresentação descritiva do Gabinete Real de Física e História Natural de Florença, inaugurado em 1775, Felice Fontana (1730-1805), o responsável por sua organização, escreve:

Speriamo che i lettori di sapranno grado di aver rilevate alcune poche cose di questo Real Gabinetto, che non solo per l'abbondanza delle cose vá a diventare il più rispettabile dell'Europa, ma quello, che è più da stimare, è senza dubbio il più utile di tutti per il metodo affatto nuovo immaginato com tanta sagacità dal nostro Autore, ed eseguito con tanta arte, ed ingegno. Ogni cosa è si bene ordinata, che una persona può approfittare in pochi giorni assai più, che negli altri Gabinetti in molti anni, che pajono fatti più per ostentare le grandezze dei Sovrani, che per l'utilità publica. (FONTANA, 1775, p. 34)

Mais do que a “abundância de coisas” da coleção, é seu ordenamento novo o que, para Fontana, tornará esse gabinete útil e distinto, de forma que “poucos dias” aí seriam mais proveitosos que “muitos anos” de estudo em outras coleções. A “utilidade pública”, garantida pela ordem, seria o valor supremo de uma coleção.

Se a ordem já aparece como uma questão em Quiccheberg, o que justificaria essa postura de Hooke, Diderot, d'Aubenton, Fontana e tantos outros? Como observam Kury e Camenietzki, os naturalistas do século XVIII buscavam critérios unívocos de organização que expressassem as leis naturais universais, objeto de sua atividade científica (KURY; CAMENIETSKI, 1997, p. 80). A ‘flexibilidade’ do pensamento precedente, característica expressa no sistema de classificação de Quiccheberg, seria vista como incompatível com os paradigmas de cientificidade emergentes.

Contudo, havia espaço na *Encyclopedie* para certa relativização dos méritos do ordenamento estritamente científico das coleções, mais uma vez tomando o gabinete real francês como modelo:

L'ordre méthodique qui, dans ce genre d'étude, plait si fort à l'esprit, n'est presque jamais celui qui est le plus avantageux aux yeux. D'ailleurs, quoiqu'il ait bien des avantages, il ne laisse pas d'avoir plusieurs inconvénients. On croit souvent connoître les choses, tandis que l'on n'en connoît que les numeros & les places: il est bon de s'éprouver quelquefois



sur des collections, qui ne suivent que l'ordre de la symétrie & du contraste. Le *cabinet du Roi* étoit assez abondant pour fournir à l'un & à l'autre de ces arrangemens; [...] Le surplus de chaque collection a été distribué dans les endroits qui ont paru le plus favorables, pour en faire un ensemble agréable à l'oeil, & varié par la différence des formes & des couleurs. [...] On est donc obligé, afin d'éviter la confusion, d'employer un peu d'art, pour faire de la symétrie ou du contraste. (D'AUBENTON; DIDEROT, 2016, p. 2:491)

A coexistência de dois princípios de ordenamento e exibição das coleções no Cabinet du Roi – um princípio científico e outro estético – e sua defesa no verbete da *Encyclopedie* poderia ser expressão dos dois papéis sociais distintos que essas instituições são então chamadas a atender, e que vão se tornando progressivamente mais bem diferenciados: de um lado, locais de pesquisa especializada; de outro, espaços de educação das massas, dispositivos ‘civilizadores’. Essas duas funções caracterizarão os museus modernos em sua constituição clássica.

A história dos museus, narrada na passagem dos sécs. XIX-XX

Se *Die Kunst- und Wunderkammern der Spätrenaissance: ein Beitrag zur Geschichte des Sammelwesens*, de Julius von Schlosser (SCHLOSSER, 2012 [1908]) é apontado como um dos primeiros estudos históricos monográficos dedicados aos chamados gabinetes de curiosidades, outros autores no mesmo período também se voltaram à investigação, em um escopo mais amplo, da história dos museus. Uma vez que as principais características do estudo de von Schlosser – como o discurso evolucionista positivista, que associa as *wunderkammern* à infância ou barbárie da sociedade, a narrativa que toma os gabinetes de arte como ponto final do processo, a distinção entre tradições germânica e italiana, dentre outras – são tópico frequente na literatura, gostaria de trazer outros dois autores, menos discutidos.

Thomas Greenwood (1851-1908), membro da Royal Geographic Society de Londres, escreve seu *Museums and Art Galleries*, não como um tratado especializado, mas de uma “perspectiva popular” (GREENWOOD, 1888, p. v). A ênfase no caráter educativo dos museus marca sua obra, em consonância com a atividade anterior do mesmo autor na defesa

de bibliotecas públicas gratuitas e de livre acesso – em sua perspectiva, bibliotecas públicas, museus e galerias de arte seriam instituições inseparavelmente associadas (*ibid*, p. vi).

Logo no início de seu argumento, o autor se mostra averso à desordem, em uma passagem que ecoa as denúncias iluministas:

The ordely soul of the Museum student will quake at the sight of a Chinese lady's boot encircled by a necklace made of shark's teeth, or a helmet of one of Cromwell's soldiers grouped with some Roman remains. Another corner may reveal an Egyptian mummy placed in a medieval chest, and in more than one instance the curious visitor might be startled to find the cups won by a crack cricketer of the county in the collection, or even the stuffed relics of a pet pug dog. (GREENWOOD, 1888, p. 4)

Greenwood não se referia, contudo, às coleções “irracionais” do passado, mas ao que um turista ou visitante encontraria ordinariamente nas pequenas cidades britânicas de sua época. Sua crítica se estende igualmente aos prolíficos museus americanos do tipo “Dime Museum”, “where every description of monstrosity, natural and otherwise – usually otherwise – can be seen for a modest fivepence” (GREENWOOD, 1888, p. 6). Se os argumentos nos parecem tão familiares, é porque partem igualmente de uma postura incapaz ou indisposta à compreensão de critérios diferentes de ordenamento das coleções, relacionados tanto a regimes alternativos de conhecimento como à atribuição de outras funções, valores e intenções às práticas de colecionamento e exibição.

Para Greenwood, os museus deveriam ser instituições dedicadas à educação das massas, tarefa que poderia ser facilmente realizada com um bom ordenamento e disposição dos objetos colecionados:

The educational character of Museums is only now becoming generally recognised, and the usefulness of a Museum in this respect does not depend entirely so much on the number or intrinsic value of its treasures as upon the proper arrangement, classification, and naming of the various specimens in so clear a way that the uninitiated may grasp quickly the purpose and meaning of each particular specimen. (GREENWOOD, 1888, p. 7-8)

Greenwood demonstra uma grande confiança no poder transformador dessas instituições. Ele afirma que um simples passeio em uma exposição teria efeitos profundos



nos trabalhadores urbanos ou agrícolas, atuando ainda no combate de comportamentos moralmente repreensíveis:

The working man or agricultural labourer who spends his holiday in a walk through any well-arranged Museum cannot fail to come away with a deeply-rooted and reverential sense of the extent of knowledge possessed by his fellow-men. It is not the objects themselves that he sees there, and wonders at, that causes this impression, so much as the order and evident science which he cannot but recognise in the manner in which they are grouped and arranged. (GREENWOOD, 1888, p. 26)

He has gained a new sense, a craving for natural knowledge, and such a craving may, possibly, in course of time, quench another and lower craving, which may at one time have held him in bondage – that for intoxicants or vicious excitement of one description or another. (*ibid*, p. 27).

Nas descrições sucintas que Greenwood traz sobre os primeiros museus ingleses, o autor não elabora juízos que explicitem sua opinião sobre as mesmas. Ele endossa, contudo, o posicionamento especializado do Prof. Herdman sobre o museu ideal, reproduzindo a comunicação desse à Sociedade Literária e Filosófica de Liverpool em 21 de março, 1887:

In what respect is a Museum better or higher than a mere collection of curiosities made by an amateur, or than the confused assemblage of heterogeneous objects seen on the shelves of the bird-fancier's shop, if it is not that in the Museum the specimens are supposed to be arranged and labelled in a natural (that is, a scientific) manner? (HERDMAN *apud* GREENWOOD, 1888, p. 180)

Prof. Herdman se pronuncia igualmente em prol da função educativa dos museus enquanto instituições públicas – “It should always be remembered that public Museums are intended for the use and instruction of the general public, who have no special knowledge of biology, and not of the scientific man or the student” (HERDMAN *apud* GREENWOOD, 1888, p. 182) –, enfatizando a importância de os museus estarem associados à pesquisa e ensino por meio da inclusão de auditórios e laboratórios em sua estrutura.

Um tom bastante diferente perpassa a obra de David Murray (1842-1928). Advogado, antiquário, arqueólogo e bibliógrafo associado à Universidade de Glasgow, Escócia, Murray publicou em 1904 *Museums: Their History and their Use*, baseado em uma palestra que

proferiu em 1897 na Sociedade Arqueológica de Glasgow. Segundo Murray, seu objetivo era estudar “a história e desenvolvimento dos museus enquanto instituições culturais”⁶⁸, uma vez que inicialmente não encontrara informações sobre o assunto nas enciclopédias e obras de referências então em circulação.

Murray inicia o primeiro capítulo apresentando a definição corrente de museu, que reverbera argumentos já familiares: “a collection of the monuments of antiquity or of other objects interesting to the scholar and the man of science, arranged and displayed in accordance with scientific method” (MURRAY, 1904, p. 1). Em sua narrativa histórica, contudo, observa com interesse as mudanças de paradigmas de colecionamento ao longo do tempo, percebendo certa utilidade nas “velhas coleções”:

Some of the exhibits of the old museums – unicorn’s horn, giants’ bones, petrified toad-stools, and the like – strike us as somewhat extraordinary, but they were placed there in accordance with the opinions and teaching of the time. Our point of view is so different that we are inclined to look upon much of the material of the old collections as rubbish, and it is apt to be so treated by keepers only interested in the current views of museum management, but this is a mistake. Many of these objects are of much interest in the history of science, and to the discussion and controversies, which some of them evoked, we are indebted for the science of to-day. [...] it does not seem to have occurred to anyone to illustrate in a museum the [hist]ory of the idea of the museum, its arrangement and contents (MURRAY, 1904, p. 39-40)

Ele então prossegue com algumas explicações sobre o significado de determinados objetos – chifres de unicórnio, ossos de gigantes, múmias e semelhantes – para os colecionadores do passado.

A distinção de sua apreciação das práticas colecionistas passadas é evidente, por exemplo, em uma passagem em que comenta sobre a obra *Museaeum metallicum* de Aldrovandi: “It is copiously illustrated and brings together all the information of the time, which instead of being a blemish, as Buffon suggests, adds considerably to the utility of a work whose value is nowadays, to a great extent, historical.” (MURRAY, 1904, p. 79-80). A

⁶⁸ “I was anxious to learn something of the history and development of museums as scientific institutions”. MURRAY, 1904, p. v.

atribuição de valor histórico às coleções do passado não o impede, contudo, de escrever um capítulo sobre o “caráter não-científico dos primeiros museus”⁶⁹.

While an enormous quantity of material was collected, it was only gradually that its real value began to be appreciated, and that it was turned to proper account. The early museums had often certain definite aims, and were intended to be exponents of science; but natural history was hampered by traditional opinions, and physical science was overweighted by metaphysics. Everything was explained, but the explanations had always to be in accord with the accepted doctrines of logic and metaphysics, which had themselves in turn to square with theology. (MURRAY, 1904, p. 186)

E mais à frente, no mesmo capítulo:

In short, the first requisite of a museum exhibit was that it should be something rare or costly, which was apt to degenerate into what was bizarre or outlandish
The more an explanation appealed to the marvellous, the more acceptable it was; and the belief in the miraculous, which characterized the Middle Ages, had not died out in the seventeenth century. (MURRAY, 1904, p. 191)

Para Murray, os “defeitos” das coleções antigas seriam falta de espaço e meios de exibição dos objetos, e um mau ordenamento (MURRAY, 1904, p. 205). Pondera, entretando:

Not that the matter of arrangement was not considered, for the space that a collection should occupy, the uses it should serve, and its proper disposition, the position and size of the rooms, and their decoration, were all questions discussed by the old writers upon museums; but their ideas were too vague and ill-defined to lead to useful results, and they contented themselves with merely reciting what one collector or another had done. (MURRAY, 1904, p. 207)

Murray encerra sua obra com um capítulo sobre os usos dos museus, em que advoga pelo papel desses tanto na pesquisa especializada e na educação formal como no prazer e instrução dos visitantes em geral, de forma semelhante ao defendido por Greenwood:

⁶⁹ “Chapter XIV – Non-scientific character of early museums”, MURRAY, 1904, p. 186-204.

In a general sense a museum is a popular educator. It provides recreation and instruction for all classes and for all ages. Its doors are open to all alike, and each visitor gets profit or pleasure by viewing its objects just as he does from a visit to a picture gallery. The modern museum has, however, more definite aims. A museum has now become a recognised and necessary instrument of research; it plays an important part in university and technical instruction, and it should be adopted as an aid in elementary and secondary education. (MURRAY, 1904, p. 259-260)

A curiosidade e o entretenimento são defendidos como estratégias de atração de público que, uma vez no museu, aproveitaria mesmo que involuntariamente de seus efeitos educacionais e culturais (MURRAY, 1904, p. 204; 269).

Apontamentos finais

Se noções como as de ‘classificação’ e ‘ordenamento’ dos objetos são temas comuns e recorrentes nos escritos sobre coleções dos diversos períodos aqui reunidos, elas ganham expressões muito diversas em cada caso, de forma que podem ser acionadas para sustentar argumentos e interpretações por vezes opostos. A compreensão disso passa pela consideração tanto de mudanças nos contextos sociais – de ordem política, cultural, material, intelectual e assim por diante –, como da maneira de cada autor construir seu argumento a partir de intenções e valores próprios, mobilizados pelos indivíduos a partir das possibilidades que configuram e são configuradas por seu lugar na história e na sociedade. É assim, por exemplo, que Murray e Greenwood, partindo do cenário comum das instituições museais britânicas em fins do século XIX, podem expressar concepções distintas sobre os museus ideais e suas contrapartes reais nas coleções do presente e do passado, concordando em alguns pontos e discordando em outros.

Nesse sentido, as convergências, tanto na sincronia como na diacronia, são tão relevantes quanto as divergências para o estudo das percepções sobre as práticas de colecionamento da Primeira Idade Moderna ao longo do tempo. Voltando-nos para as percepções hodiernas sobre os denominados gabinetes de curiosidades, pode ser elucidativo tentar identificar fatores contextuais, valores e intenções que informam as diferentes concepções desse fenômeno, em suas convergências e divergências. Apenas a título de

ilustração, de forma rápida e superficial, poderíamos tomar a formulação bastante comum que apresenta tais gabinetes como origem ou antepassado dos museus contemporâneos – nota-se que, partindo desse ponto convergente, características bastante distintas (e, por vezes, contraditórias) dessas práticas de colecionamento modernas são ressaltadas quer se tenha como referência ou museus de arte ou museus de ciência como ponto final da “evolução”.

Parafraseando o que escreveu o historiador da arte Ernest Gombrich sobre o estudo das obras de arte do passado, olhamos para o colecionismo da Primeira Idade Moderna “pelo lado errado do telescópio” (GOMBRICH, 2007, p. 54), imersos nas questões, percepções e experiências do presente. Um esforço consciente constante seria necessário para ‘compensar’ as distorções que tal condição de investigação irremediavelmente impõe e nos aproximar, na medida do possível, das variadas percepções, valores, usos e significados do passado.

Referências bibliográficas

BOWRY, Stephanie Jane. **Re-Thinking the Curiosity Cabinet: A study of visual representation in Early and Post Modernity**. Tese (doutorado). School of Museum Studies, University of Leicester, UK, 2015.

CARVALHO, Carolina Vaz. Reorganizando o Gabinete: uma discussão sobre a categoria de ‘gabinetes de curiosidade’ e o colecionismo na primeira era moderna. Comunicação oral. **VI Encontro de Pesquisa em História da UFMG: Tempo, permanências, rupturas e transições na história**, Simpósio Temático “(Re)ver a arte: novas leituras e perspectivas”. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 8-12 de maio de 2017. (Anais no prelo)

CLASSEN, Constance. Museum Manners: The sensory life of the Early Museum. **Journal of Social History**. Oxford, v. 40, n.4, p. 895-914, 2007.

D’AUBENTON; DIDEROT. Cabinet d’Histoire naturelle. In: DIDEROT, Denis; D’ALEMBERT, Jean le Rond (eds). **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.** University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Spring 2016 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds). Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>. Acesso em jul. 2017.

FINDLEN, Paula. **Possessing Nature: museums, collecting, and scientific culture in early modern Italy**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1996.

_____. The Museum: its classical etymology and renaissance genealogy. **Journal of the History of Collections**. Oxford, v. 1, n. 1, p. 59-78, 1989.

FONTANA, Felice. **Saggio del real gabinetto di física e di storia naturale di Firenze**. Roma: nella stamperia di Giovanni Zempel, 1775.

GOMBRICH, Ernest Hans. Da luz à tinta. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 29-54.

GREENWOOD, Thomas. **Museums and Art Galleries**. London: Simpkin, Marshall and Co., 1888.

HOOKE, Robert. Lectures and Discourses of Earthquakes and Subterraneous Eruptions. In: WALLER, Richard (ed.). **The Posthumous Works of Robert Hooke**. London: Sam. Smith and Benj. Walford, 1705, p. 210-450.

HOOPER-GREENHILL, Eileen. **Museums and the shaping of knowledge**. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1995.

KURY, Lorelai; CAMENIETSKI, Carlos. Ordem e Natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 29, p. 57-85, 1997.

LUGLI, Adalgisa. **Naturalia et Mirabilia: Les cabinets de curiosités en Europe**. Paris: Adam Biro, 1998.

MURRAY, David. **Museums: Their History and their Use**, v. I. Glasgow: James MacLehose and Sons, 1904.

SCHLOSSER, Julius von. **Les Cabinets d'art et Merveilles de la Renaissance Tardive. Une contribution à l'histoire du collectionisme**. Trad. Lucie Marignac. Paris : Éditions Macula, 2012.

SCHULZ, Eva. Notes on the History of Collecting and of Museums in the light of selected literature of the sixteenth to eighteenth centuries. **Journal of the History of Collections**. Oxford, v. 2, n. 2, p. 205-218, 1990.

SHELTON, Anthony. Cabinets of transgression: Renaissance collections and the incorporation of the New World. In: ELSNER, J.; CARDINAL, R. (Orgs.). **The Cultures of Collecting**. Critical View Series. Londres: Reaktion Books, 1994.